

O PRESIDENTE DA INSTRUÇÃO

“Fora melhor que vocês me tivessem atirado ao mar quando vínhamos para o Rio”, essas as derradeiras palavras ditas por Justiniano de Serpa antes do desenlace final. Padecendo por longos quatro meses, operado em Salvador e no Rio, apesar dos insistentes apelos do médico quixeramobinense Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes para que o presidente-poeta fosse aqui mesmo em Fortaleza submetido a intervenção cirúrgica, às onze horas e vinte minutos de uma quarta-feira de primeiro de agosto de 1923 falecia o autor de *Oscilações* na Casa de Saúde Dr. Poggi, no Rio, aos sessenta e oito anos de idade.

Dizem que interesses políticos esconderam do povo cearense a verdadeira marcha progressiva da moléstia de seu chefe supremo. Tanto que o poeta e compadre de Antônio Sales, Abílio Martins,¹ escondido na pele de João Piaba em junho daquele ano, num soneto interessante estampado pelas colunas de *A Tribuna*, satirizava alguns dos médicos que acompanharam a evolução da doença do ilustre filho de Aquirás, José Paracampos, Alfredo Pinheiro e Hugo Carneiro e cujos versos merecem aqui ser lembrados:

*“Um certo dia o nosso Presidente,
sem se saber, de chofre, adoeceu. . .
Um mês se passa e quanto inutilmente
nas mãos do Paracampos padeceu!*

*Às pressas vem Pinheiro. Infelizmente,
o mal, no mês seguinte não cedeu.
Hugo aparece e chama tanta gente
que, por milagre, o enfermo não morreu.*

*O tempo corre, e na convalescença
o enfermo está, sem saber que doença
foi a que teve e como se curou.*

*Diagnóstico não houve, felizmente
graças a Deus, pois que, precisamente
foi esta a circunstância que o salvou”.*

Figura intimamente ligada ao movimento cultural de nossa terra, ao completar quarenta anos de idade fora saudado por uns versos de Moacyr Jurema, o nosso Antônio Sales, através das páginas de O Pão e lidos na sessão do Centro Literário por Sabino Batista.² Pincemos algumas das treze quadras da humorística saudação rimada do nosso primeiro-forneiro:

*“Eu venho, em nome d’O Pão,
trazer-te, ó Justiniano
de Serpa, uma saudação
por fazeres mais um ano.*

*Afirma um meu conhecido
(e afirma-o com muito afinco)
que tu já eras nascido
na seca de 25. . .*

*E há mesmo quem jure até
que já sabias falar
naquele tempo em que o mar
chegava à Praça da Sé.*

*Não sei, mas creio que há nisto
muito exagero e maldade. . .
Portanto não mais insisto
em descobrir tua idade.*

*Tens talento e é o quanto basta,
pois o talento é diamante
que a ferrugem devorante
do tempo morde e não gasta.*

*Pois bem: nos compartimentos
mais puros do coração
guarda os cordiais cumprimentos
dos teus amigos d’O Pão!”*

Pois bem. Vinte e sete anos depois dessas quadrinhas deliciosas e irreverentes, Justiniano de Serpa tomava as rédeas do governo cearense.³ Homem de letras, orador primoroso, jornalista e grande administrador, fundou escolas, abriu estradas, acalmou ânimos exaltados, promulgou códigos, deu início

às obras contra a seca apoiado por Epitácio Pessoa, não chegando, contudo, a concluir seu quadriênio vítima de insidiosa moléstia pulmonar.

Operado em Salvador pelos professores Caio Moura e João Garcez Fróis, a bordo do Santos, quase à meia-noite de 17 de junho de 1923 e após uma conferência médica, no Rio, com os gigantes da medicina Miguel Couto, Jorge Gouveia, Abel Parente, Agenor Porto e José de Mendonça, reoperado a 9 de julho do mesmo ano pelo último cirurgião, confirmava-se o diagnóstico do médico, poeta e político cearense Dr. Álvaro Fernandes⁴ que o examinara por duas vezes, a 14 de maio e a 10 de junho, aqui em Fortaleza: pleurisia purulenta diafragmática e que insistia pela precocidade do ato operatório. Mas como santo de casa não faz milagre . . .

De origem humilde, alcançaria Justiniano com seu esforço e valor próprios as mais altas posições na administração pública. Entusiasta de nossa Academia Cearense de Letras oferecera o Palácio para local de uma primeira reunião a 17 de julho de 1922 com alguns dos seus antigos membros a fim de que fosse feita a reorganização de tão importante centro de cultura cearense. Aclamado seu Presidente honorário, ocasião em que foram escolhidos seus quarenta membros efetivos, aglutinador por excelência, Justiniano de Serpa reunia, diariamente, ao redor de si, os intelectuais, os cientistas, os artistas, enfim todos os que se interessavam pela cultura, independente de credos políticos ou de posições partidárias. Impôs-se a todos pelo aticismo, pela sobriedade, pela inteligência, até mesmo pelo porte físico, perfil romano, *“cabeleira leonina, encanecida e ondulada”*. Ainda dentro das comemorações do Centenário de nossa Independência política autorizava a que Sales Campos coligisse dados para a publicação de A Poesia Cearense no Centenário.⁵

Fervoroso defensor da causa abolicionista, deputado à Constituinte do Ceará e seu representante na Câmara Federal, preocupou-se, sobremaneira, com as coisas da instrução convocando, para dinamizar o setor educacional desta terra, o *“jardineiro das almas infantis”*, o grande pedagogo paulista Lourenço Filho, nome esse indicado pelo nosso Antônio Sales.

Andou por Manaus e de 1906 a 1919, com o mandato sempre renovado, representou no Parlamento o Estado do Pará. Mas o bom filho à casa torna e ei-lo a partir de julho de 1920 timoneiro de nossas aspirações. João Flauta no soneto Lua-de-Mel assim o recebia:

*“Entre gritos e gestos de alegria,
chegou o Serpa, e pôs a mão ao leme
da nau do Estado para a travessia
sobre este mar, que de esperanças freme.*

*Oposição, por ora, ele não teme!
Quem o quis e o não quis, tudo à porfia,
adoça as falas, e o bestunto espreme
para achar expressões de cortesia.*

*Nesta lua de mel da Presidência,
ele as delícias de um noivado logra;
só pisa em flores que a ventura espalha.*

*Mas que Deus lhe dê força e dê paciência
para mais tarde suportar a sogra,
essa megera da politicalha."*

O desaparecimento de Justiniano de Serpa seria sentido por todo o povo cearense. Uma comissão encarregada de prestar homenagem à memória do presidente da instrução, por ocasião da passagem do primeiro semestre de seu falecimento em janeiro de 1924, tendo à frente o próprio Ildefonso Albano, convocou o nosso Antônio Sales, também da comissão, para orador oficial da sessão fúnebre promovida pela Academia Cearense de Letras.

Às dezesseis horas do domingo de 22 de março ainda desse ano, com todos os municípios presentes, à testa da Escola Normal, que comemorava o seu quadragésimo aniversário de fundação, à Praça Filgueira de Melo, e ao som dos hinos Nacional Brasileiro e do Ceará, inaugurava-se uma herma ao saudoso Presidente, trabalho executado pelo escultor carioca Correia Lima. Antônio Sales, escolhido para pronunciar o discurso focalizando a figura gentil e amiga não pôde fazê-lo por doente cabendo ao diretor da Instrução Sales Campos a leitura dessa peça evocativa mesclada de amizade, respeito e saudade cujo trecho final asseverava: *"Não há glória maior do que a dos pioneiros da vida que, a golpes de talento e de coragem, têm de desbravar o caminho vedado por onde avançam para a realização de seus sonhos"*.

Antônio Sales ainda deixaria neste seu soneto Dor e Glória uma lágrima rimada a *"majestosa coluna coríntia feita com o barro pobre de Aquirás, cozinhado em fina e reluzente cerâmica"*, no dizer de Raimundo Girão:

*"Dor e Glória terás! auguraram os fados
junto ao teu berço; e logo, sôfrego, a primeira
tua fronte cobriu de beijos demorados,
porque os sentisses bem a tua vida inteira.*

*Mas a Glória te abriu os braços apiedados,
e contigo subiu, como uma águia altaneira,
da montanha, onde habita, aos píncaros sagrados,
e a morte ali te achou, nessa hora derradeira.*

*Na luta se apurou a têmpera sublime
do teu ser, que, nascendo humilde como um vime,
se fez roble capaz de arrostar os tufões.*

*Tombaste. . . Mas ficou teu exemplo e teu nome,
como herança de luz que o tempo não consome
no sacrário de amor dos nossos corações"*.

NÓTULAS

- 1 Bacharel em Direito. Deputado estadual. Chefe de Polícia no Governo Serpa. Vizinho de Antônio Sales no Alagadiço. Faleceu, repentinamente, em Caucaia, quando para lá se deslocara com amigos, a serviço. O coração o fulminou aos quarenta anos de idade. O Instituto do Ceará, em 1950, por sua Editora, lançou a publicação póstuma de seus Versos Alegres com prefácio de Antônio Sales. É do poeta ipuense este bilhete:
 “Antônio Sales, amigo,
 eu, de mim, não me admiro
 que você faça comigo
 o que já fez com o Belmiro.
 Mando-lhe a rota segura,
 para abreviar-lhe o serviço:
 de dia — na Chefatura,
 de noite — no Alagadiço”.
- 2 Padeiros presentes ao Centro Literário na sessão do dia 6 de janeiro de 1895, comemorativa do aniversário natalício do redator-chefe do Diário do Ceará: Ulisses Bezerra, Carlos Vítor, Roberto de Alencar e Sabino Batista, Donde mais uma vez se conclui que não havia tanta rivalidade entre as duas associações literárias. Depois da sessão, o jantar.
- 3 O Novo Governo, crônica de Antônio Sales quando da posse de Justiniano de Serpa no cargo de Presidente do Ceará (12 de julho de 1920)
- 4 Aluno distinto do mestre Francisco de Castro. No final da vida, totalmente esclerosado, andava apático, indiferente, alheio a tudo.
- 5 Impresso na Tipografia Moderna — F. Carneiro — Rua Barão do Rio Branco, 130, com duzentas e noventa e duas páginas. Coletânea de poetas cearenses, coligida por Sales Campos, editada em 1922. Uma dedicatória: “Ao Dr. Justiniano de Serpa, egrégio presidente do Estado, sob cujos auspícios foi publicado este livro”. Antônio Sales dá início ao florilégio com dez produções estampadas.
- 6 Justiniano de Serpa embarca às cinco e meia da tarde de quarta-feira do dia 13 de junho com destino ao Rio, na esperança de recuperar a saúde. Embora nesse mesmo dia, pelas três horas da manhã, soubesse do falecimento de uma sua filha, casada, residente aqui na Aldeota, Regina de Serpa Bernardes, com vinte e um anos de idade, após longa enfermidade.